

## QUATRO FORMAS DE EXPERIMENTAR A MORTE INTELECTUAL<sup>1</sup>

*Roger BARTRA*<sup>2</sup>

Uma das situações mais desagradáveis pelas quais podem passar os intelectuais é a experiência de sua própria extinção. Nos últimos anos, levantaram-se vozes de diferentes correntes políticas e culturais que têm explicado como as sociedades contemporâneas estão pressagiando uma acentuada decadência da intelectualidade, essa espécie social criada pelos ilustrados franceses do século XVIII<sup>3</sup>. Nesse pesadelo, os intelectuais são devorados pela modernidade, da mesma maneira que Saturno devora seus filhos. Os intelectuais, temidos e mimados pelos poderosos, com frequência perseguidos, consumidos por querelas e invejas, estão sendo expulsos da história pelas mesmas forças que eles ajudaram a iluminar: a democracia, a tecnologia, o mercado e a utopia socialista.

A extinção que ameaça a intelectualidade tem alarmado muito a América Latina, possivelmente porque esta é uma das regiões do mundo que melhor preservaram essas relíquias do passado que são os intelectuais públicos ou orgânicos, os mandarins de novela, os críticos iluminados, as glórias de *boom* literário e os presidentes ou ministros da república das letras. Depois do esplendor literário dos anos sessenta, hoje vivemos ameaçados pelo espectro da decadência. Quero propor-lhes uma rápida visita ao panteão, ao templo dos homens ilustres, para observarmos de que morte perecem nossas glórias; para refletirmos, mesmo que fugazmente, sobre as conseqüências dessa terrível enfermidade que nos corrói.

1. É triste comprovar, mas muitos intelectuais caem dizimados pelo vírus da democracia. Tanto os militantes da engenharia de almas como os caciques das identidades nacionais – à esquerda ou à direita – têm visto seus domínios territoriais invadidos por novos bárbaros da cultura, com seus cultos à telenovela, à narrativa

<sup>1</sup> Artigo originalmente publicado em: Baca Olamendi, L.; Cisneros, I. H. (Comp.). *Los intelectuales y los dilemas políticos en el siglo XX*, 1997, com tradução de Marcos Alves de Souza.

<sup>2</sup> Instituto de Investigações Sociais – UNAM – 04510 – México, DF – México.

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, o ensaio de Franco, J. What's Left of the Intelligentsia? *NACLA*, v.38, n.2, 1994 (publicado no mesmo número de *La Jornada Semanal*); ver também o artigo de Mario Vargas Llosa, *La muerte del gran escritor*, *Unomásuno*, 4 dec. 1994, no qual comenta o livro de Henri Raczymow, *La mort du grand écrivain*, ensaio que desenvolve para a França idéias similares as que Russell Jacoby aplicou aos Estados Unidos em *The Last Intellectuals*, 1987.

rápida e ao espetáculo de massas. As elites tradicionais se vêem ameaçadas e os intelectuais começam a gaguejar e a atuar como camponeses: concebem a fama como um bem escasso ou limitado que não está disponível para todos. Diante do assédio, abrem-se a eles duas alternativas: ou organizam um grande *potlatch* para dilapidar nessa festa e mandar às favas a fama de todos, ou se dedicam a exterminar com fúria os intelectuais vizinhos, para resguardar a parcela de glória que outros pretendem arrebatar-lhes. O *potlatch*, entre as tribos indígenas da costa norte do Pacífico, era um ritual de repartição de bens que servia para legitimar os círculos sociais e as hierarquias mediante um mecanismo de nivelção social. Os congressos, colóquios e revistas são, entre outras coisas, formas renovadas de *potlatch*, formas de generosidade artificial desenvolvidas pelos intelectuais para resistir aos efeitos desastrosos da democratização nas fileiras de cada elite. Mas para muitos esse cerimonial é inalcançável ou impraticável, o que os leva a escolher a via armada para colocarem-se o mais próximo possível do poder e da fama. Assim, seja pelo suicídio ou pela guerra, a intelectualidade tradicional acelera sua própria extinção sem propô-la.

2. Mas há muitos intelectuais que não querem dilapidar seus bens em festas e que tampouco têm um temperamento belicoso. Para eles se abrem as portas de outra morte mais tranqüila: a tecnocracia e a academia. Têm que renunciar ao apostolado para entrar na hipermoderna clausura das oficinas de cristal ou dos cubículos nos *campi* universitários. O intelectual, por essa via, vai se desvanecendo para renascer como um *expert*, um especialista e um conselheiro profissional, infiltrando-se na burocracia como um peixe dentro d'água, ou seja, como o *narodniki* ou maoísta o fazia nas aldeias camponesas. É claro que esse intelectual acredita que se mescla a uma aldeia global e não à miséria paroquial dos que abrem sulcos nos escritórios e nos corredores. No entanto, essa nova clausura monástica adquire a forma de um paraíso tecnológico. Um emaranhado de circuitos os conecta virtualmente com a realidade planetária: correio eletrônico, centenas de discos com informação digitalizada, transmissão via fax, fotocopiadoras e demais artefatos emanados da revolução tecnológica.

Os intelectuais tecnocratizados atuam como se um grupo de acadêmicos da língua quisesse resgatar o programa modernista de Rubén Darío contra o romantismo revolucionário. Ou melhor: como se uma corrente de funcionários-poetas, pretendendo-se mais moderna que o próprio Rubén Darío, ressuscitasse hoje o chamado de Enrique González Martínez: “Torçam o pescoço do cisne de plumagem enganosa”, parecem exclamar os novos tecnocratas em nome da coruja de Minerva que invocava o poeta: “Ele não tem a graça do cisne, mas sua inquieta pupila, que se fixa na sombra, interpreta o misterioso livro do silêncio noturno”. Os antigos intelectuais jazem no solo com o pescoço torcido e seus sucessores são como a sábia coruja

tecnocrática de vôo taciturno... Mas quando se cansam de interpretar o silêncio e sentem saudade das batalhas românticas, têm recursos à disposição para estimular a flácida musculatura da crítica: podem, por exemplo, lançar-se com brio na luta pela devolução do cocar de Montezuma, o que é uma forma menos perigosa de luta a empreender do que a recuperação das ilhas Malvinas.

3. Como é sabido, os intelectuais acreditam estarem sendo ameaçados por um dos venenos mais dissolventes da sociedade moderna: o mercado. Os produtos intelectuais não têm mais alternativa a não ser converterem-se em mercadorias para alcançar seu público. Muitos intelectuais têm escolhido a morte mercantil para escapar da inoportuna moralidade iluminista e da angústia pela busca da imortalidade, bem como para renascer em uma nova existência coroada pelo êxito perecível das grandes vendas e dos multimilionários públicos da televisão. Se os astrônomos nos dizem que nosso mundo, no mapa cósmico que começou a expandir-se desde o *big bang*, tem menos importância que uma cagada de mosca, para que nos preocuparmos com a imortalidade, ao invés de pensar em nosso gratificante, ainda que efêmero, *big boom* pessoal? No final das contas, o mercado é um dos mais formidáveis mecanismos democratizantes; põe ao alcance das grandes massas as criações do intelecto ao metamorfoseá-las; de frutos primorosos de uma elite que os oferece a seus eleitos, os livros se convertem em *shows* e *best-sellers* que divertem e entretêm vastas camadas da população. O mercado massifica os produtos literários e artísticos, mas também desintelectualiza seus produtores. E, com frequência, estupidifica os consumidores.

4. Há outra maneira de exterminar um intelectual, uma maneira especialmente adequada para escritores de esquerda. Suponhamos que alguns tenham conseguido escapar da democratização forçada, da tecnocratização e da mercantilização; imaginemos ainda que restem intelectuais que, todavia, não tenham sido vítimas de um congresso de personalidades, de uma nomeação como funcionário ou de um êxito fulminante. Nosso pobre intelectual de esquerda, membro de uma espécie em extinção, conseguiu sobreviver graças à sua radicalidade ou à sua militância; mas se vê ameaçado gravemente pela derrubada das coordenadas ideológicas e políticas que no passado – antes de 1989 – davam sentido a seu mundo. Agora, já não pode crer na revolução socialista, nem no partido, nem na ditadura do proletariado, nem no marxismo-leninismo. Mas esses esquemas perdidos podem ser substituídos por uma angústia existencial *light*. Mediante os filtros adequados, pode traduzir o sofrimento das maiorias humilhadas (algo que, certamente, não se está extinguindo) em algo melhor que teorias sistemáticas sobre a luta de classes: o traduz em um conjunto de sentimentos devidamente controlados e politicamente corretos. Muitos intelectuais de esquerda têm aceitado morrer lentamente e usam sua dor como pincel para pintar

Roger Bartra

a paisagem moralizada do que estão acostumados a chamar, com o cenho franzido, de *Nuestra América*.

Os intelectuais de hoje gostam desses passeios pós-modernos pelos cemitérios da inteligência. Isso os tranquiliza. Mas o tétrico passeio serve também para comprovar que essas formas de decadência do segmento social que monopoliza simbolicamente o intelecto estão alojadas no seio dos mitos mais importantes da modernidade. A democracia, a tecnologia, o mercado e a utopia socialista sem dúvida têm produzido monstros e colocado os intelectuais diante das mais incômodas – e as vezes letais – experiências. Quando a democracia se instala plenamente, a sociedade é atacada, às vezes, por essa melancolia da qual falava Tocqueville. A tecnologia – o sabemos desde que Mary Shelley inventou a criatura do doutor Frankenstein – é capaz de apagar as luzes da inteligência. O mercado capitalista tende a aniquilar a pluralidade indispensável para que haja criação e mudanças. E a utopia socialista, quando foi levada à prática, converteu-se em um pesadelo opressivo.

Todas essas têm sido experiências traumáticas para os intelectuais. Não sabemos se, realmente, estamos presenciando a extinção definitiva de uma espécie ou se somente se trata de uma decadência transitória, durante a qual cada morte provocará um renascimento. Por hora, que cada um escolha sua morte: sua revista ou congresso onde possa sacrificar sua fama; sua realidade virtual alojada na base de dados de um computador ministerial ou universitário; seu manual para escrever o livro mais vendido do mês; seu instrumento para abrir as veias e fertilizar o mundo com sangue de luta.

Eu já escolhi a minha... Mas não lhes direi qual é.

## Referências

BACA OLAMEDI, L.; CISNEROS, I.H.(Comp.). **Los intelectuales y los dilemas políticos em el siglo XX**. México,DF: FLACSO, 1997.

FRANCO, J. What's left of the intelligentsia? : the uncertain future of the printed word. **NACLA: Report on the Americas**, v.38, n.2, 1994.

JACOBY, R. **The last intellectuals**. New York: Basic Books, 1987.

RACZYMOW, H. **La mort du grand écrivain**. [S.l.; s.n.], [19--].

VARGAS LLOSA, M. La muerte del gran escritor. **Unomásano**, 4 dec., 1994.

— \*\* —

*Quatro formas de experimentar a morte intelectual*

**RESUMO:** Neste texto são discutidos diversos problemas que afligem os intelectuais e sua decadência. Tanto intelectuais públicos, como orgânicos, têm sido ameaçados por forças que eles mesmos ajudaram a criar: a democracia, a tecnologia, o mercado e a utopia socialista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intelectuais; modernidade; democratização; mercantilização; tecnocracia; socialismo.

**ABSTRACT:** This text analyses the many problems that the intellectuals are facing today and their decline. Not only the public intellectuals but also the organic ones are at present threatened by the same forces they helped to create : democracy, technology, market and the socialistic utopia.

**KEYWORDS:** Intellectuals; modernity; democratization; market; technocracy; socialism.